

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 101 — Domingo, 15 de Maio de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ACABA DE SAIR O N.º 104 DE

“CARA ALEGRE”

Mais um «Cara Alegre» profusamente ilustrado, divertido e optimista e mais um artigo de Pitigilli, em exclusivo.

AVENÇA

MUITO OBRIGADO SR. ENG. EDUARDO DE ARANTES E OLIVEIRA

VAI ter Vila Real de Santo António a sua doca de pesca. Já todos o sabem, e as autoridades e organismos locais apressaram-se, como é natural, a agradecer a quem deviam o alto benefício prestado à nossa terra, aos homens do mar e à indústria do Algarve.

Conquanto se trate de um acto de justiça — pois não se compreendia que um dos maiores portos de pesca e comércio de Portugal não tivesse, como não tem, instalações convenientes para a descarga do pescado — não quer isso dizer que não manifestemos o nosso sentido agradecimento ao Homem que resolveu, no curto período de dez meses e onze dias, um problema que se arrastava há alguns anos e que parecia eternizar-se. E esse agradecimento fazemo-lo não só em nome dos homens do mar deste recanto algarvio, deste bastião de trabalho, deste reduto de patriotismo e soberania que tem à sua guarda o estuário de um dos maiores rios da Península e uma das mais frequentadas entradas de Portugal — fazemo-lo, o agradecimento, em nome de todos os pescadores de Portugal, pois



O sr. ministro das Obras Públicas

todos os marítimos da nossa costa, desde a nortenha Vila do Conde, aqui vêm granjear o seu amargo pão, quando este lhe escasseia nos seus mares.

A obra, pois, se interessa directamente à vila pombalina, interessa por igual à gente do mar de todo o litoral português, o que significa que ela interessa à vitalidade económica da Nação.

Por motivos que desconhecemos, ou julgamos desconhecer, não foi a nossa doca incluída no grandioso Plano de Fomento, que tantos benefícios tem espalhado pelo País. Ficámos triste perante tão inexplicável esquecimento que nos pareceu, no nosso raciocínio simplista, uma lamentável e descabida injustiça. Mas aguardámos, sem sofrimento e sem algazarra, que chegasse a nossa hora. E ela chegou, com a inexorabilidade fatal do determinismo que não atende de simpatias ou circunstâncias fortuitas e enganadoras.

Fizeram-nos justiça e isto, apesar de justiça se tratar, é consolador, sobretudo para quem se julga, pelo seu porte e pe-

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

CONSERVAÇÃO DE ESTRADAS

PELO Fundo de Melhoramentos Rurais, foram concedidas pelo sr. ministro das Obras Públicas as seguintes participações, para conservação das vias rodoviárias municipais: à Câmara Municipal de Faro, 25.600 escudos e à de Loulé, 30.500\$00.

A IRRIGAÇÃO DOS SAPAIS

DO GUADIANA

FICOU concluído, há dias, o estudo de topografia dos sapais de Vila Real de Santo António e Tavira, obra de grande valor agrícola e social, que tem merecido o mais carinhoso e desvelado interesse do sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, ilustre ministro das Obras Públicas.

Nos nossos sapais foram abertos alguns poços, dos quais jorra água em abundância.

A NOSSA TERRA

HÁ TRINTA ANOS...

PELO Ministério do Comércio, foi autorizado o transporte gratuito de material para o Posto de Socorros «Luigi Parodi» a

turista sobre a nossa terra no ano de 1950, o comandante Jayme do Inso descreve a chegada a Vila Real, vindo

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



—Trago-te aqui um livro que te vai ser muito útil, minha filha: Chama-se «O homem, esse desconhecido».

Sob a direcção artística de mestre António Pinheiro, exibiu-se no Teatro Alexandre Herculano a «troupe» teatral Irene Gomes — Jorge Grave, em dois dias consecutivos, com um drama e uma comédia, que agradaram.

Na sua reportagem fu-

VIRTUDES E DEFEITOS DO JORNALISMO

Por VÍTOR FALCÃO

DO importante vespertino da capital «Diário Popular», transcrevemos parcialmente o brilhante artigo que se segue, cujo desassombro e vigor de afirmações assumem candente oportunidade, em face da manelra como às vezes são mal compreendidos e tratados os servidores do público — da grande e da pequena imprensa — no cumprimento da sua missão informativa.

Creio que a primeira verdade a salientar é esta: a excessiva magnanimidade com que os jornalistas facilitam a ascensão social de tantos medíocres, que, sem essa ajuda imerecida, nunca passariam da cepta tortura de qualquer anódino

amanuensado. Em Portugal, são enxame os felizardos que conseguiram assim sair do nada e que, mais tarde, quando já estão alcançados em situações rendosas e vistosas, escolheiam com a sua prosápia balofa os ingénios que os fizeram gente. São esses sujeitos, esses arrivistas ostentadores de uma proibida fingida e de uma cultura pegada com saliva, quem mais deprecia os jornalistas e o jornalismo. São esses autênticos borra-botas, arvorados a portentos por uma sociedade fútil que perdeu de todo a faculdade qualificativa, que passam aos jornalistas diplomas de ignorância, de superficialidade e de tamanquismo na maneira de escrever! Há milhentos desses «diplomadores» na urbe lisboeta, que é o Quartel-General dos pretensos luminares nacionais, e, para ser sincero, devo dizer que não falta

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

MELHORAMENTOS LOCAIS

OBRAS

NA AVENIDA DA REPÚBLICA

NO dia 10 do corrente, em sessão a que presidiu o sr. dr. Alonso Vasques, realizou-se na Câmara Municipal o concurso público para as obras de construção da Avenida da República — 2.ª fase — cuja base de licitação era de 381.289\$00.

Abertas as propostas, em número de 16, verificou-se que a mais baixa apresentada era do montante de 277.954\$49, sendo a mais elevada de 419 contos.

ESTRADA

PARA A PRAIA DE SANTO ANTÓNIO

ENCONTRAM-SE bastante adiantados os trabalhos de construção da estrada conducente à Praia de Santo António, crendo-se que em fins de Setembro do presente ano já a mesma via possa ser entregue ao Município, devidamente alcatroada. No próximo verão, já os pedes poderão transitar ali, segundo nos informam.

O PROBLEMA DA CRIAÇÃO DE ESCOLAS TÉCNICAS apreciado pelo sr. ministro da Educação Nacional

NA inauguração das magníficas instalações da Escola Industrial e Comercial de Setúbal, o sr. prof. dr. Fernando Pires de Lima, ilustre ministro da Educação, fez as seguintes declarações que pedimos licença para reproduzir:

«Apesar de todos os esforços, e apesar do movimento que acompanhou o decreto de 1954, não se poderá contar, por enquanto, por ano, com um número de professores sensivelmente superior ao necessário para preencher o quadro do pessoal docente de três novas escolas técnicas, o que quer dizer que não se deverá pôr em funcionamento, anualmente, mais do que três novos estabelecimentos de ensino. E, além disso, e para já, deverão sacrificar-se os projectos e as solicitações, algumas justíssimas, para ampliação dos cursos das escolas existentes. Este estado de coisas, que só o tempo modificará, põe o Governo em face de um problema melindroso — o da escolha anual das novas escolas. No plano de 1947 — o primeiro que elaborei — foram consideradas necessárias à reconstrução económica do País e ao desenvolvimento da sua indústria e do seu comércio mais trinta e duas escolas técnicas profissionais. Dessas foram criadas, até hoje, apenas sete. As outras aguardam a sua oportunidade. Mas que critérios adoptar para escolher as poucas que em cada ano se poderão pôr em funcionamento? E' este o pro-



Prof. Dr. Fernando Pires de Lima, ilustre ministro da Educação Nacional, a quem esperamos ficar a dever e justiça total que começou a prestar à nossa terra ao incluí-la no plano de criação de novas Escolas Técnicas.

blema a que me refiro, difícil de resolver por estar o Ministério da Educação no firme propósito de ser objectivo e justo. Há ainda vinte e cinco cidades ou vilas com direito indiscutível a uma escola técnica, e há ainda outras terras, não previstas no plano de 1947, que aspiram

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

Subterrâneo

Tinham-me dito já, mas não acreditava. Há coisas tão difíceis! Um homem cuja única companhia é um cão, que não vive para mais ninguém, nem quer saber de mais ninguém. Mas é verdade, conheci-o ontem. Ele, e ao lado dele a cadeliinha, a Violeta, com uns grandes e luminosos olhos castanhos, uns olhos como que pontes de passagem de um caminho pedregoso para o campo florido e húmido, da noite para o dia. Ele falava e a Violeta entendia tudo. Entendia-o, segundo julgo, até pelo tom de voz. Uma corrente misteriosa, subterrânea, passava continuamente entre o homem e o animal. Um cordão umbilical... Deixem falar. E' uma maneira de dizer. Mas esta ideta sugere uma tal grandeza e uma tal miséria... Fico perplexa, como se, de repente, visse o burro pelado do homem da hortaliça, com meneios, graças, zumbidos de libélula.

Importância

Numa estação emissora há um programa intitulado: «O Programa do crime». Sinceramente, o título, pelo menos, é de um mau gosto... Uma pessoa importante, este senhor Crime. Até tem um programa que lhe é especialmente dedicado. E' triste. E' lamentável. E' um crime.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

SILHUETAS DO ALGARVE

O ALMIRANTE do Guadiana

Por FERNANDO MORAIS

NAO é sem uma ponta de enternecimento que sempre recordo o ti' João, bom velhote e valoroso homem do mar dos outros tempos, como o foram meus avós e também meu pai, que nele succumbiu honrosamente, a timonar a embarcação. Será, talvez, devido ao carinho especial que voto à classe marítima: será pela constante amizade e deferência que o honrado ancião me dedicava, por seu turno; ou, possivelmente, ainda, pelo facto de ele se encontrar acidentalmente ligado a vivas recordações

dum período cruciante na minha vida, quando não por tudo isto em conjunto.

E' com aprazimento que rememoro agora a sua figura seca e curtida de veterano mareante, a calva oblonga e reluzente e a tez de pergaminho antigo, cruzada por mil rugas, num rosto de leves traços mongólicos em que os vendavais do quadrante suão e as foadadas brisas levantinas haviam impresso a sua chancela de honra. Tinha, afinal, o peculiar semblante de todo o lobo do mar da costa algarvia, desde Sagres à Ponta de Santo António. Aos cantos da boca, descaíam-lhe as guias dum bigode estreito de mandarim, dando-lhe à expressão um ar de fina málícia, que os perscrutantes olhos obliquos mais faziam realçar.

Eis o esboço fisionómico do velho Almirante, a quem a veia facetada dos companheiros de labuta marítima atribuíra o comando honorífico da «esquadra» de faluchos e calques surtos no rio Guadiana. Em vez de alcunha sar-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CENTRAL DO LEITE

PARA o público que necessite de abastecer-se de leite, a nova central mantém um horário de venda que vai desde as 7 horas da manhã à 1 da noite, sem interrupção. Brevemente, será ali também fornecido leite gelado batido, com gromelhas, para o que se dispõe de aparelhagem especial. Congratulamo-nos com este melhoramento, que bem demonstra o interesse de bem servir a população do concelho, no que respeita à sanidade e boa apresentação do precioso alimento.

CARTA DE LISBOA

ASSEMBLEIA NACIONAL

Por FERNANDO CAMPOS

ENCERRARAM-SE, no dia 30 de Abril, os trabalhos da Assembleia Nacional, — facto que não pode passar despercebido de quantos se debruçam com o devido interesse sobre os sucessos mais importantes da vida política da Nação, e que nos convida a atentar por alguns momentos na obra realizada durante a sessão legislativa que findou.

Conforme ninguém ignora, a Assembleia Nacional constitui um dos órgãos que exercitam a soberania portuguesa, a qual, segundo se estabelece no artigo 71 da Constituição Política «reside em a Nação e tem por órgãos o Chefe do Estado, a Assembleia Nacional, o Governo e os Tribunais». Assim, logo a seguir ao Chefe do Estado, — que é o supremo magistrado da Nação, num regime unitário e corporativo como o nosso — surge a Assembleia Nacional, câmara formada entre 120 deputados eleitos por sufrágio directo dos cidadãos eleitores, para um mandato de quatro anos. E cumpre lembrar que as atribuições dessa Assembleia correspondem inteiramente à posição que ocupa na orgânica política do Estado português, porquanto,

de harmonia com o artigo 91 da mesma Constituição, lhe compete fazer leis, interpretá-las e revogá-las; vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os actos do Governo ou da Administração pública; apreciar as contas do Estado, aprovar as bases fundamentais do Orçamento, conferir ao Governo autorizações legislativas; autorizar o Chefe do Estado a fazer a guerra, se não couber o recurso à arbitragem ou esta se malograr; aprovar as convenções e tratados internacionais; declarar o estado de sítio, com suspensão total ou parcial das garantias constitucionais; definir os limites dos territórios da Nação; conceder amnistias; tomar conhecimento das mensagens do Chefe do Estado; deliberar sobre a revisão constitucional, etc.

Por este breve enunciado se pode bem avaliar a acção essencialmente soberana que desempenha a Assembleia Nacional, — acção de largo e profundo reflexo na vida política e administrativa do País, cujo bem-estar e desenvolvimento moral e material dela dependem em grande parte. E,

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

NOVA MODALIDADE DE PESCA DE ATUM À REDE

DEU entrada, no dia 13 do corrente, neste porto, a traineira «Jeremias», da Empresa de Pesca de Aveiro, que vai iniciar uma nova modalidade de pesca de atum à rede, na nossa costa.

A traineira «Jeremias», que largou para a pesca ontem, dia 14, é comandada pelo nosso conterrâneo sr. José Correia Martins, e a sua tripulação é composta por 21 pescadores. Esta unidade é equipada com um emissor de grande potência e duas sondas de raio de acção diferente.

Acompanha a «Jeremias» a enviada «Novo Bonfim», também da mesma empresa.

Fazemos votos para que seja bem sucedida esta iniciativa, o que virá beneficiar a nossa Indústria.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Partiu para Beja, acompanhada de sua esposa e de seu filho sr. Francisco Maria da Cruz Martins, a fim de consultar a medicina, o nosso prezado amigo e assinante sr. António da Cruz Martins, conceituado comerciante e proprietário nesta vila, a quem desejamos pronto restabelecimento.

Acompanhada de sua neta, sr.ª D. Maria Manuel Martins Rosa, foi a Faro a sr.ª D. Antónia Viegas Rosa.

Com pouca demora, esteve em Lisboa o sr. dr. Mário Lyster Franco, illustre director do nosso prezado colega «Correio do Sul» e advogado em Faro.

Foi promovido a Chefe de Serviço e colocado na agência de Sintra o nosso prezado amigo e assinante sr. João Travassos de Brito, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila.

Encontra-se entre nós o sr. João Plácido da Silva Negrão, pai do nosso prezado conterrâneo e assinante sr. João Lúcio Silva Negrão, residente em Lisboa.

A assistir ao funeral de seu cunhado sr. José Xavier Cavaco, esteve nesta vila, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, em Lisboa.

Com pouca demora, esteve entre nós, de visita a seus pais, o sr. António Cabellos Oropesa Toledo, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. António Gomes Toledo.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, em gozo de férias, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo sr. Manuel Zeferino Leiria Machado, residente em Lisboa, filho do nosso estimado amigo sr. Manuel Hipólito Machado, também residente naquela cidade.

Nascimentos

Num quarto particular da Misericórdia desta vila, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Orlanda de Almeida Lança, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Mário Antunes Lança.

Também, no passado dia 9 do corrente, deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso prezado assinante sr. Agostinho José Cesário, residente em Lisboa.

Mãe e filha encontram-se bem.

Vida Religiosa

REALIZARAM-SE nesta paróquia as habituais festas em honra de N. Sr.ª de Fátima, tendo havido, na noite do dia 12, procissão das velas, com sermão, e no dia 13 do corrente, missa de comunhão geral e, seguidamente, missa solene com pregação pelo rev. Padre Manuel Bárbara, pároco de Estói.

Na ocasião da missa, procedeu-se à coroação da veneranda imagem da Santa Virgem de Fátima, com uma valiosa coroa de ouro, oferecida pela sr.ª D. Maria Brites Belião Horta, em cumprimento dum voto.

Vende-se

Um moinho eléctrico para Café, marca ELKA.
Uma medidora para Azeite, fabricante «A. Pessoa».
Trata:
Emílio Correia Ribeiro.
Vila Real de Santo António



Agradecimento

A viúva e família de João Ribeiro Barbosa vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que acompanharam o seu querido marido e parente à última morada, e bem assim o preito de homenagem que a classe de Tipógrafos e Litógrafos lhe prestou. A todos, o seu eterno reconhecimento.

Vila Real de Santo António.

LIVROS E PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Princípios e prática do parto sem dor»
por Colette Jeanson

As Edições Cosmos acabam de lançar no mercado a tradução portuguesa desta notável obra de divulgação, da autoria de Colette Jeanson.

Esta brilhante escritora francesa, depois de se debruçar com denodo sobre este tema e de ter passado algum tempo na Maternidade da Rue des Bluets, em Paris, assistindo à preparação e ao desenrolar de inúmeros partos sem dor, interrogando, como bem lhe aprouve, médicos, enfermeiras e parturientes, lendo os expressivos relatórios destas, etc., conseguiu elaborar um magnífico livro de divulgação, que nem por o ser se afastou da verdade científica, cujos fundamentos ela soube expor com simplicidade, clareza e precisão.

No intuito de concretizar, do ponto de vista português, o interesse que assume a publicação de semelhante livro, entenderam os tradutores — dois médicos distintos, que dispõem perfeitamente quaisquer elementos de apresentação, os drs. Pedro Monjardino e J. Seabra Diniz — dever acrescentar-lhe um pequeno capítulo com alguns dos relatórios mais significativos feitos entre nós, além de valiosas notas explicativas.

Mestre Aquilino Ribeiro, que soube abarcar o largo alcance nacional desta interessante obra, valorizou-a com uma original carta-prefácio, onde cintila o fino espírito do grande escritor.

A edição é muito cuidada e tem excelente apresentação.

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Temos presente o relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, referentes à gerência de 1954, desta benemérita instituição de solidariedade entre os que labutam no comércio português.

Este relatório abre com a transcrição do discurso proferido pelo sr. Carlos Mantero, deputado e presidente da Associação Comercial de Lisboa, na Casa de Repouso daquela agremiação quando, em sessão solene efectuada em 14 de Dezembro de 1954, se festejou o seu vigésimo-quinto ano de actividade, e em que se põe em relevo a notável obra de previdência levada a cabo pelos Inválidos do Comércio.

Como elemento elucidativo da acção progressiva desta simpática organização, referiremos os seguintes números, extraídos do citado Relatório: Receita ordinária, em 1952, 1.487 contos; em 1954, 1.826 contos. População associativa, em 1952, 34.007 sócios; em 1954, 40.824 sócios. Fundo social, em 1952, 11.324 contos; em 1954, 14.919 contos. População da Casa de Repouso, em 1952, 202; em 1954, 218.

Fazem-se, ainda, neste Relatório, detalhadas referências às diferentes secções da sua actividade, como Casa de Repouso, Orfanato, Assistência Externa, Serviços Clínicos, etc.

«GAZETA DE PARAOPÉBA»

Temos recebido regularmente este nosso prezado colega brasileiro, defensor dos interesses do Município de Paraopeba, progressiva cidade do Estado de Minas Gerais.

Imprensa brasileira: UNICA

Acaba de sair, o n.º 8 desta tão conhecida revista, referente ao 26.º ano de existência, e que tem a sua publicação na Bahia.

Este número, de óptima aparência e profusamente ilustrado, insere colaboração de Ulisses Dinis, Luís Octávio, Heitor Valença, prof. Luís R. de Almeida e Jorge Ramos.

Esta revista é dirigida por A. Amado Coutinho.

Em Portugal, o agente desta revista é o escritor Jorge Ramos, Trav. Moínho do Vento, 13 — Lisboa.

OLIVENÇA

Recebemos mais um número da revista «Olivença» (n.º 2) referente a Janeiro do corrente ano, a qual se apresenta com excelente aspecto gráfico e magnificamente colaborada, em prosa e verso.

Agradecemos a gentileza e recomendamos a sua leitura a todos.

Agradecimento

A família de André Barão, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram assistir ao seu funeral, e recando incorrer em qualquer falta involuntária, vem expressar a todos o seu perdurável reconhecimento.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Produção conservadora de Setúbal

Após nove anos de crise na sua indústria de conservas, registou Setúbal o ano passado, como já referimos, um ano de prosperidade. Nos quatro últimos meses do ano, o mar, que tão avaro se mostrava, desfez-se em generosidade. E assim, aquele centro conseguiu fabricar 442.080 caixas de sardinha; 28.132 caixas de carapau; 4.917 caixas de cavala; 4.616 caixas de atum; 12.092 caixas de anchovas e 14.840 caixas de outras espécies, no total de 506.677 caixas. Nos últimos dez anos, este número foi ultrapassado apenas em 1945, em que o importante centro produziu 580.176 caixas. No ano de 1953, a produção tinha sido apenas de 240.688 caixas.

Redes invisíveis para a pesca

Gracias a o «plait», uma nova fibra sintética inventada pelo prof. Plate, da Universidade de Bona, a pesca vai tornar-se mais fácil. A fibra é finíssima e extremamente resistente, e a sua eficiência foi já comprovada, pois serve não só para a captura de peixe miúdo, como também de peixes de grandes dimensões. O prof. Schindler, que fez experiências no Amazonas, contou: «Os índios criam que estavam caçando, quando lhes mostrámos as nossas redes invisíveis e lhes declaramos que pretendíamos pescar peixes dos maiores que povoavam o rio».

Recriação de Escolas Técnicas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

também, justamente, ao desenvolvimento da sua cultura profissional.»

Entre as vinte e cinco cidades e vilas com direito indiscutível a uma escola técnica, figura a nossa terra onde, em 1925, como se sabe, foi criada uma Escola de Artes e Ofícios que não chegou a materializar-se devido a circunstâncias imprevistas, alheias a Vila Real de Santo António. Ao tempo, como ultimamente se transcreveu neste jornal, o sr. eng. Sebastião Ramirez, há anos illustre deputado pelo Algarve, afirmava, com muita justiça, de há muito, a criação dessa Escola em Vila Real, como meio industrial e comercial que é.

Aguardemos, pois, serenamente, mas com a convicção de que nos há-de ser feita justiça, a criação, ou melhor, a recriação da nossa escola técnica.

Efectivamente, criar escolas sem professores pedagógicamente idóneos, também não interessa nada.

Exportação de cortiças

De cortiça não saíram do País, nos meses de Janeiro e Fevereiro, 22.399 toneladas, no valor de 155.736 contos. Foram compradores mais interessados: de seradura, a Inglaterra, com 550 toneladas; de aparas, a América do Norte, com 6.795 toneladas; de prancha, a Argentina, com 1.595 toneladas; de refugo, a Alemanha, com 1.503 toneladas, e de cortiça virgem, a América, com 857 toneladas.

Exportaram-se, de cortiça em obra, 3.984 toneladas, no valor de 101.250 contos. Os maiores compradores foram: de aglomerados, a Inglaterra, com 676 toneladas; de discos, também a Inglaterra, com 45 toneladas, e de rolhas, a Alemanha, com 340 toneladas. O segundo comprador de rolhas foi a Inglaterra, que adquiriu 164 toneladas. O total de exportação de rolhas, nos dois meses citados, foi de 1.068 toneladas, no valor de 54.910 contos. — J. B.

A NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de Aiamonte, dum enorme «ferry-boat» que transportava as carruagens dum comboio internacional de passageiros, o qual vinha entroncar na linha férrea portuguesa, em que outra locomotiva o aguardava para seguir viagem para a capital. Este facto muito admirou o sultão de Marrocos, de visita a esta vila.

O industrial sr. Manuel Ramirez fechou contrato com uma empresa hoteleira da Curia, para arrendar brevemente ao «maitre de hôte» sr. Konrad Wissman o seu Grande Hotel Guadiana, um dos melhores do País.

Realizou-se uma prova pedestre, desde Monte Gordo a esta vila, a qual foi ganha pelo corredor João de Brito, do Lusitano F. C., que fez o percurso em 13 minutos, tendo sido ele, dos 5 concorrentes, o único que alcançou a meta.

Maio de 1925

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. António Domingues Lopes, Manuel António Teixeira, Álvaro Nunes Duarte e a sr.ª D. Ermelinda R. Rosa, desta vila.

Também nos deram o prazer da sua assinatura, por indicação do nosso conterrâneo sr. Manuel da Silva Rosa, os srs. Artur dos Santos, Manuel Afonso e Carlos Mantel da Silva, todos de Lisboa, e por ordem do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. João da Palma Carmo, os srs. João Morando e João Rodrigues Parreira, nossos conterrâneos, residentes em Leça da Palmeira.

Os nossos agradecimentos.

Conta Gotas

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Ervilhas de cheiro

Ontem tive visitas em casa. Não sei porquê, mas sempre associado à ideia de visitas a ideia de flores. Talvez porque as flores sugiram a alegria, a felicidade, a paz; talvez porque as flores sejam mil pequeninas bocas dizendo Benvindos!

Bom, as flores. Mas as flores, no país das flores, as flores são caríssimas. E, além de caras, difíceis de encontrar. Sai de manhãzinha e fui à praça. Olhei, olhei, fiz contas, chocalhando, na algibeira do casaco comprido, as moedas disponíveis. Resolvi-me finalmente por aquelas simples, modestas, belas ervilhas de cheiro, que uma criadinha fardada apreciava também. Fechado o negócio com ela, a vendedeira voltou-se para mim. Viu-me agrupando uma a uma as ervilhas de cheiro, em silêncio e cuidadosamente, como se tocasse em florzinhas de cristal. Olhou-me com ar bonacheirão, medindo-me dos pés à cabeça. Depois, pousou a mão sapuda em cima das flores.

— Oiça, minha filha — disse lentamente — não leve dessas. Isso está bem para aquela (a criadinha, que ia já adiante), a condessa, ou lá o que é, que não sabe o que há-de fazer ao dinheiro. Escolha outras. Sabe? (E aqui a voz e a boca da vendedeira encurvaram-se ligeiramente, mas a luz dos olhos orvalhou-se de ironia). As ervilhas de cheiro são como o amor dos homens: são muito bonitas, mas duram pouco...

Olhámo-nos fixamente, um segundo só. Ou talvez nem isso. Depois, desatámos a rir, uma diante da outra, enquanto as freguesas paravam, admiradas.

Histórias

Uma praga autêntica, esta das histórias de quadradinhos. Não concordam? Estão bem para as crianças que lêem deficientemente. Fora disso, e para os adultos, é como se voltassem a engatinhar.

Uma verdadeira máquina de quadradinhos de embrutecer aos quadradinhos.

Declaração

Os abutres que me horrorizam mais são precisamente aqueles que, fisicamente menos se parecem com eles.

Maria Manuela Nunes

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

Falecimentos

Maria da Conceição Bríngel

Faleceu em Lisboa, em 7 do corrente, a menina Maria da Conceição Bríngel, natural desta vila, filha da sr.ª D. Maria José Bríngel.

António da Cruz Balté

Também na capital e no mesmo dia, faleceu o sr. António da Cruz Balté, de 89 anos, natural de Tavira. O extinto era casado com a sr.ª D. Maria das Dores Balté, pai dos srs. eng. Manuel Luis Balté e dr. António Henrique Balté, distinto clínico em Faro e director do Serviço de Cirurgia do Hospital da Misericórdia nesta vila.

As famílias enlutadas, apresentamos sentidos pésames.

VENDE-SE

«GRATIDÃO» — Enviada, com motor «BUDA» de 45 H. P., tudo em estado de novo, com aparelho de rádio.

Preço 150 contos.
«MIRADOURO» — Acostado, com motor H. M. G. de 60/72, tudo em estado de novo, com aparelho de rádio.

Preço 200 contos.
Dirigir a: José Vicente Joaquim Júnior - Portimão, Telef. 19.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Maio:

TRAINEIRAS

Levante	47.500\$00
Pérola do Guadiana	31.785\$00
Infante	30.290\$00
Norte	21.945\$00
Tôluis	20.110\$00
Sam Domingos	17.590\$00
Agadão	13.920\$00
Janita	13.720\$00
Briosa	12.870\$00
Briosa	12.800\$00
Carmela	12.661\$00
Leste	11.310\$00
Maria Rosa	10.890\$00
Flor do Sul	10.580\$00
Liberta	10.570\$00
Tufo	9.480\$00
Flor do Guadiana	4.150\$00
Salvadora	3.130\$00
Deolinda Rita	2.590\$00
Restauração	2.220\$00
Luiz Fernando	1.070\$00
Alvarito	780\$00
Total	301.961\$00

CERCOS

Cruzeiro	9.290\$00
Amazona	1.140\$00
Novo S. José	525\$00
Total	10.955\$00

Atum da costa Algarvia

68 Atuns	112.181\$40
--------------------	-------------

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 7 a 13 de Maio:

Entrados:
SÃO MACÁRIO, Português de 1039 ton., de Lisboa, vazio.
SCHWANECK, Alemão, de 1298 ton., com folha de flandres, de Antuérpia.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
PACHECO, Inglês, de 1368 ton., de Portimão, com carga em trânsito.
GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Tânger, com carga em trânsito.

Saídos:
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.
CARAMULO, Português, com sal, para Harbour Broyle (Terra Nova).
SÃO MACÁRIO, Português, com minério e enxofre, para Lisboa.
SCHWANECK, Alemão, com cortiça e conservas, para Hamburgo e Antuérpia.
PACHECO, Inglês, com cortiça, para Londres.
GRANDSON, Suíço, com cortiça e conservas, para Marselha e Génova.
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 14 a 20 de Maio, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Guarda - Livros

Jovem, de 23 anos, colaborador deste jornal, oferece-se para Guarda-livros, ajudante de Guarda-livros ou lugar compatível em qualquer empresa comercial ou industrial.

Resposta a este jornal ao n.º 1355.

JOAQUIM DOS SANTOS

FOI premiado com um passeio à Holanda, no último concurso promovido pela PHILIPS entre os seus agentes no nosso país, o nosso prezado amigo e assinante em Portimão, sr. Joaquim dos Santos, proprietário da casa de aparelhagem eléctrica «Electro-Vitória», daquela cidade.

Aquele nosso prezado amigo partiu para a Holanda, por via aérea, no passado dia 10.

Com as nossas felicitações, desejamos ao popularíssimo J. P. S. uma óptima viagem.



Vinho Tinto da BALALAICA

À venda na

MARISQUEIRA DO GUADIANA

— Telefone 155 —

Vila Real de Santo António

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MUITO OBRIGADO

SR. ENG. EDUARDO DE ARANTES E OLIVEIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lo seu trabalho, digno de justiça. Mas ainda na aplicação desta há que ver quem é o magistrado que interpreta as leis. E desta vez e neste caso, o magistrado foi o sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, que há poucos meses nos deu a honra da sua visita. Poucas vezes teremos recebido na nossa terra visita que tanto nos desvanecesse e tanto bem nos trouxesse. Porque — é preciso que se saiba — a generosidade, a privilegiada inteligência, ao critério esclarecido e, portanto, superior, do sr. ministro das Obras Públicas fica o Algarve devendo a doca de pesca e abrigo que vai ser construída em Vila Real de Santo António. A nossa província fica-lhe a dever esta fineza, o País fica-lhe a dever mais um serviço dos muitos que lhe tem prestado, no curto período da gerência da pasta das Obras Públicas.

Não se pretenda ver no que afirmamos qualquer sentidolouvaminheiro, que destoaria do apurmo que sempre manteve quem traça estas linhas. Ambos ficariam magoados — o ministro e o jornalista — se alguém se atrevesse a uma interpretação menos correcta do que se exara neste escrito. O que não se pode, pelo menos aos que felizmente têm uma clara noção da justiça, é regateá-la a

quem, sem favor, a merece. E é essa justiça que nós, lembrando-nos da ingrata vida dos nossos homens do mar, das suas notadas infrutuosas em procura do pão, longe da mulher e dos filhos e do amparo seguro da terra firme, queremos prestar, na nossa mediocridade apagada, a quem tem legítimo direito a ela.

Ao sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira ficam Vila Real de Santo António e os marítimos de Portugal a dever o abrigo e o precioso elemento de trabalho que vai começar a escavar-se, dentro de pouco tempo, naquela saliência de sa-pais lamacentos e inúteis que afronta o norte do nosso porto comercial — sapais inúteis que, pelos tempos fora, enquanto a gratidão for sentimento efectivo e expressivo no coração da nossa gente, terão o nome do Homem que os transformou em elemento de grandeza da nossa Nação — «Doca de Pesca Eng. Eduardo de Arantes e Oliveira», gravado em letras bem fundas na dureza da pedra, para que os ventos salitrosos e maus do Levante não as apaguem no decorrer de cem gerações, e ali fiquem como padrão e exemplo aos que no futuro queiram continuar a servir, com dignidade, com equilíbrio e com grandeza, a terra dos nossos maiores. — B.

VIRTUDES E DEFEITOS DO JORNALISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

quem os trate reverenciosamente, como se eles fossem semideuses em vez de pantomineiros.

«Uma das afirmações com que se procura inferiorizar os jornalistas é a de que, entre eles, são muito poucos os que ultrapassam, no domínio da cultura, o primarismo da maioria dos caixeiros de loja. Mas, simultaneamente, os mesmíssimos afirmadores atribuem aos jornalistas que, não obstante a lufa-lufa e o ramerrão do seu labor, conseguem incrustar no que escrevem alguns grãozinhos de saber, a estultícia ultraridícula de se crerem enciclopédicos...

«Aceito a opinião de que a cultura da maior parte dos jornalistas não é profunda. Mas também o não é a dos arrotadores de omnisciência; e, todavia, que eu saiba, ainda não houve jornalista que exigisse, por tal motivo, o arrancamento da plumagem de superintelectualidade com que eles se adornam. Quanto às pretensas afectações de enciclopédismo dos profissionais da imprensa periódica, confesso não perceber como as podem ter homens necessariamente improvisadores, homens que têm de escrever em poucos minutos, em forma definitiva, o que os seus críticos levariam dias a rascunhar e a limar para ser mais ou menos publicável...

«Não; os jornalistas não são nem julgam ser enciclopédicos. E quem o será, de facto, na época actual, numa época que se está a tornar famosa principalmente por causa da amplitude descomunal e da ramificação emaranhadíssima do saber humano? O que os jornalistas são, quase todos, é inteligências vivas, mais do que normalmente receptivas, caracterizadas por uma curiosidade multiforme insaciável, mais aptas que outras inteligências a apreender com rapidez ideias e conhecimentos e a devesar na individualidade humana os recessos do psicológico. E' claro que tão dispersa actividade mental retira a quem a exerce a possibilidade de ser profundo; mas não o inibe, antes pelo contrário, de adquirir aquele número de noções que lhe são precisas para compreender e interpretar, pelo menos razoavelmente, o que ocorre no Mundo. De resto, mesmo que fosse possível ao jornalista aprofundar a sua cultura, o aprofundamento teria para ele esta grande desvantagem: a de abaixar o grau de eficiência da sua comunicação com o público.

Este é, ninguém o ignora, um amálgama convertido em todo. E na composição do todo entra uma copiosa variedade de elementos. No relativo à inteligência, como aliás em tudo, cada um desses elementos tem um valor presumível. Por conseguinte, para se calcular o que vale intelectualmente a massa, a generalidade, a que aludimos, é indispensável somar os diversos valores e dividir o resultado da operação pelo número dos referidos elementos. Pelo quociente da divisão, ficamos a saber, é claro, a despeito da falibilidade do aproximativo, qual é a inteligência média do público. Em Portugal, — para que se há-de

ocultar o facto? — ela não é satisfatória. Temos, sem dúvida, um escol, um verdadeiro escol, e relevante. Mas não é ainda, numericamente, o que devia ser. A instrução e a mentalidade da nossa burguesia melhoram, é inegável. Contudo, se a cotejarmos, em conjunto, com o grosso da burguesia de outros países europeus, teremos de lhe dar classificação inferior àquela que ela julga merecer. A gente plebeia, tanto a das cidades como a dos povoados, possui virtudes e qualidades que lhe são próprias, que a singularizam. E' mourejadora e sóbria, extraordinariamente intuitiva, adaptável a tudo, abnegada e afectuosa. Uma parte dela vive, porém, na escuridão do analfabetismo; e a restante, com uma pequena percentagem de excepções, é de letras gordas, só tem do saber humano noções muito rudimentares.

E' para este público que os nossos jornalistas têm de escrever. Público sedento de novidades, ávido de saber, como todos os públicos; porém, no geral, em virtude da sua composição, propenso a repelir o que lhe parece complicado, o que lhe não é perceptível de relance. Mas também, público sensível como nenhum outro, pronto a acudir a todos os chamamentos da justiça, generoso, inexcitavelmente humano, amoldável a quantos bons moldes lhe oferecerem, e mesmo encaminhável, só com uma breve sugestão, para todos os objectivos que forem dignos dela. Público fácil e simpático, afinal, que bem pouco pede aos jornais e aos jornalistas. Pede-lhes apenas que sejam sinceros, que o não enganem nunca, que se exprimam numa linguagem corrente e clara, *inteligível*, e não por meio daquela terminologia, muito mal traduzida, de que se servem os nossos sabichões para darem ares de transcendentes ou cabalísticas às suas filosofias de cacarcá, das que não podem com uma gata pelo rabo...

Vitor Falcão

Papel Vegetal

Vende, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92, Vila Real de Santo António.

CINE-FOZ

Apresenta, hoje, um sensacional programa duplo.
PAULA, UM CORAÇÃO DE MÃE, com Loretta Young, Alexander Knox e Keat Smith.
 A história de uma mulher que, sendo virtuosa, leva duas vidas.
NA ILHA DE SAMOA, com John Hall e Susan Cabot.
 Um grande filme primitivo, na eterna primavera dos trópicos.
 (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, 19, outro sensacional programa duplo.
ESTACÃO TÈRMINUS, com Jennifer Jones e Montgomery Clift.
 Fraquezas, dor, contradições — uma hora e meia fantástica.
O filme de aventuras na Sicília, GIULIANO, O BANDIDO DA SICÍLIA, com Vittorio Gassman e Maria Franca.
 Uma obra impressionante, esmagadora e inesquecível, que apresenta tal qual foi, em imagens de inexcitável realidade, o duelo titânico entre a odisseia criminosa e a consciência do mais famoso bandoleiro de todos os tempos.
 (Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
 Avenida da República
 — Telefone 12 —

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Car-taxo.

VENDE-SE BARATO

1 Barco de enviada denominado «Albatroz 2.º», com 15 metros e motor Gleniffer 80 HP, estado de novo.

1 Barco de enviada denominado «Mar Azul», com 13,88 metros e motor Skandia 50 HP.

Facilita-se pagamento.

Dirigir ao Apartado 52 — PORTIMAO



DESPORTO

FUTEBOL

TAÇA DE PORTUGAL

A Taça de Portugal da época de 1954-1955 é uma competição de grande interesse, desde o Norte ao Sul do País, onde concorrem representantes de várias povoações. Os grupos algarvios, especialmente o Portimonense e o Olhanense, foram bastante infelizes neste torneio, pois o sorteio deu-lhes logo dois encontros bastante difíceis. O Farense, que recebeu a visita do Portalegrense, pôde assim, com a vitória que alcançou, continuar na prova, ao passo que o Portimonense e o Olhanense, derrotados, já arrumaram as botas...

PORTIMONENSE, 1 - BRAGA, 3
 O Estádio do Portimonense encontrava-se, no passado domingo, com grande assistência que ali se deslocou no propósito de ver em acção a valorosa equipa do S. Braga, que tão excelente figura tem feito esta época. Embora o Portimonense tivesse posto na luta toda a sua vontade, não pôde vencer, pois a superioridade dos visitantes era evidente.
 Embora o tempo regulamentar terminasse com os grupos empata-dos, o Portimonense, no prolongamento de meia hora, consentiu dois golos.
 A arbitragem agradou.

FARENSE, 4 - PORTALEGRENSE, 2
 O Estádio de S. Luís recebeu pouco público, pois o jogo também não tinha grande interesse. O Farense, a jogar com um grupo da sua categoria, venceu e convenceu. O

resultado de 4-2 ajusta-se, mas o jogo tecnicamente foi pobre, de ambas as partes.
 Com esta vitória, o Farense jogará hoje em Faro contra o Tirsense, vencedor do Boavista. Este jogo não é fácil, mesmo em casa. Não esquecer que o Tirsense é o grupo das surpresas. Já não se lembram quando eliminou o Sporting Clube de Portugal?

OLHANENSE, 1 - PORTO, 5
 O Sporting Clube Olhanense, depois de quatro anos, recebeu novamente a valorosa e histórica agremiação da cidade invicta. Ao fim de noventa minutos de jogo, disputado com correção e entusiasmo, venceu a melhor; essa foi o Futebol Clube do Porto. O resultado é realmente surpreendente, se atentarmos que o Olhanense fez um primeiro tempo primoroso. Assistência regular.
 A arbitragem não teve autoridade nem competência.

Herculano Valente

Pingue-Pongue

A equipa da Associação Académica de Vila Real, constituída por José Queirós, Lima Pereira e Fernando Mascarenhas, desloca-se hoje a Olhão, para defrontar o Arsenal Futebol Clube de Olhão, que ficou em primeiro classificado num campeonato ali efectuado.
 A visita será retribuída.



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Concurso público para arrematação da empreitada de Construção da Doca de Pesca de Vila Real de Santo António

Faz-se público que às 15 horas do dia 8 de Julho de 1955 se procederá, na sede desta Direcção-Geral na Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 23, ao concurso público acima designado.

Base de licitação . . . 13.600.000\$00
Depósito provisório. . . 340.000\$00

O processo do concurso encontra-se patente na Direcção dos Serviços Marítimos da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, na rua Eugénio dos Santos, n.º 179, e na sede da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, em Faro.

Lisboa, 6 de Maio de 1955.

O Engenheiro Director-Geral,
 Manuel Rafael Amaro da Costa

CASA FUNERÁRIA

de EMILIANO DA CONCEIÇÃO VIEGAS

A MAIS ANTIGA DA VILA Rua Teófilo Braga, 77

Caixões e urnas com todos os pertences Funerais modestos e luxuosos

3 carretas funerárias e 2 panos de respeito de alto valor

Preços sem competência, podendo conceder-se facilidades de pagamento

FUNERAIS DESDE 150\$00

Chamadas a qualquer hora da noite, rua Eça de Queirós, 23-25, onde se limita a aguardar chamadas, sem importunar as famílias.

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

CONFECCOES

Viresa, L.ª

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O 2.º aniversário do nosso jornal

No dia 14 do próximo mês de junho, completa este jornal dois anos de publicação. A exemplo do que fizemos quando do primeiro aniversário, pretendemos editar um número especial, com maior número de páginas. Para esse número, nos permitimos contar com a penhorante amizade dos nossos queridos colaboradores. Mas, porque isso é indispensável à existência do nosso jornal, nos permitimos contar também com a dedicação dos nossos estimados assinantes e, principalmente, com o bom acolhimento que nos for dispensado não só pelos nossos anunciantes habituais, como por todos os que quiserem confiar-nos a publicidade das suas firmas, dos seus produtos, das suas marcas.

«Notícias do Algarve» conta com o precioso auxílio de todos para o seu número especial comemorativo do 2.º aniversário — e a todos, desde já, manifesta o seu reconhecimento.

GARTA DE LISBOA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

por isso mesmo, os seus membros são representantes da Nação, e unicamente da Nação, e não de partidos políticos, devendo o seu trabalho reflectir-se e ser também apreciado no plano exclusivamente nacional, — alheio, por completo, a facciosismos partidários ou, até, a influencias regionais.

Recordemo-nos, para esclarecimento do exposto, destas palavras sempre oportunas de Salazar, ao referir-se, num dos seus discursos memoráveis, a esse órgão da soberania nacional:

«Seja qual for a composição e processo de formação das câmaras, há-de reconhecer-se-lhes a atribuição exclusiva de fiscalizar a governação pública, de dar a grande orientação à marcha política do Estado, de fazer as leis. Nenhuma dificuldade de princípio se levanta a este respeito; mas, por um lado, as necessidades modernas de legislação, excepcionalmente abundante, e, por outro lado, a lentidão de movimentos de um órgão tão complexo como as câmaras, estou convencido, operarão dentro de poucos anos uma grande transformação na sua maneira de trabalhar. Pressinto que os parlamentos, mesmo que não venham a converter-se, no futuro, em órgãos puramente políticos e estranhos à função legislativa, hão-de ver-se obrigados a aprovar apenas as grandes bases das grandes leis, deixando ao poder Executivo, como responsável pela administração, facultades mais altas que as facultades simplesmente regulamentares que hoje tem.» E Salazar acrescentava que «Trabalhem desta ou doutra maneira, o que não pode é reconhecer-se às câmaras legislativas o direito de elevar e derrubar Ministros e fazer obstrucionismo à vida pública, pelo que, deixando de ser combinações casuais de grupo, para a conquista de outro Poder, elas hão-de ser susceptíveis de disciplina e de bom rendimento dentro da sua função, trabalhando apenas pelo tempo indispensável para bem a exercerem.»

E, com efeito, assim veio a suceder, pois que o País, nestes anos de realizações políticas, económicas e sociais que transcenderam largamente o âmbito de todas as previsões, já desde há muito se persuadiu dos benefícios resultantes de uma política de verdade e de seriedade, com uma Assembleia legislativa colaboradora dos Governos e fiscalizadora da sua actividade, sem nunca deixar de manter num plano superior a ideia de soberania. E' que essa Assembleia se compõe, como já foi observado, «de homens independentes, não fillados em organizações políticas, a trabalharem lealmente e a concordarem ou a discordarem sinceramente deste ou daquele ponto.»

A sessão legislativa que ora terminou foi exemplo flagrante da eficiência de semelhante instituição, devendo o País estar-lhe grato pelos fecundos resultados do seu labor, dentre o qual merecem referência especial a revisão do Plano de Fomento e o Parecer sobre as Contas Gerais do Estado, — por não nos sobrar já o espaço para falar de tantas outras soluções da maior repercussão na esfera económica e social.

No encerramento de mais uma sessão legislativa, — sessão que grandemente prestigiou a Assembleia Nacional e o País — não podemos furtar-nos à lembrança daqueles tempos distantes e calami-tosos do *notismo* e do *parlamentarismo* em que nos falava Ramalho Ortigão, ao formular a sua crítica candente nas suas inesquecíveis *Últimas Farpas*...

Fernando Campos

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

O ESPÍRITO E A CARÇAÇA

Quando a vida do espírito é intensa, quem, no binómio corpo-espírito, tem as funções de irresistível comando é o espírito. Bem pode, então, o rico corpinho barafustar, exigir, bater o pé, relinchar, zurrar, ladrar... Nada consegue, perante a ditadura do espírito. Este diz não, e o seu não é redondíssimo; não tem direito nem abesso, em todas as posições é não, e só não. Dessa força era a alma de Turenne, dominada, não por uma ideia, o que é pouco, mas por um ideal, como quem diz por uma força alician-te, saturada de alto significado ético. Perante o corpo que lhe tremia como varas verdes, o espírito do marechal jogava-lhe esta bisca: «Tu trembles, carcasse! Tu tremblerais davan-tage, si tu savais où je te mène!» E a carcaça meteu o rabo entre as pernas, e seguiu seu caminho. Ora pois!

ESTUPIDEZ REPUBLICANA

O leitor sabe que a Revolução Francesa guilhotinou a cabeça de Lavoisier. Mas talvez ignore que o sábio pediu a moratória de alguns dias mais, depois de lhe anunciarem o dia da morte, para concluir umas experiências em curso, das quais poderia resultar algum bem para a humanidade. Pedido vão, porque a estupidez revolucionária respondeu, com o à-vontade próprio do seu calibre: «La République n'a pas besoin de savants». E a cabeça do químico rolou, no dia aprazado, para o monturo das cabeças decepadas.

ESTA VIDA É A OUTRA

O botânico Haller, autor da Flora Suíça, ao largar desta para a outra vida, tem a serenidade bastante para, segundo reza a história, tatear o pulso, e ir dizendo, em escadinha:

A artéria ainda bate.
Bate ainda.
Já não bate.
Com esta me vou.

Por sua vez — si vera est fama... — Trousseau, médico de sua profissão, ultimado por um cancro, teve a beneditina e corajosa paciência para ir estudando o seu mal, prevendo o dia em que desceria à sepultura. Mais ainda: três dias antes de morrer, fez o seu testamento, foi a uma casa funerária tratar do seu funeral, e ainda ao cemitério do Père Lachaise, para escolher o terreno onde queria repousar.

Depois de tomadas estas precauções, voltou para casa, deitou-se, respirou fundo, e, em ar de desafio, disse:

— Agora, morte, podes vir, que eu estou pronto para te receber!

O leitor — e eu com o leitor — naturalmente acha, em tudo isto, boa dose de teatro. O corrente não é isto, mas coisa muito mais humana; uma pessoa a espernear, a pedir a Deus que não a leve, porque ainda tem as coisas a fazer... A vida não será boa, e dela diz cada um de nós o que Mafoma não disse do toucinho. Mas, se a vida não é boa, a morte não é melhor. Esta vida é a melhor das vidas possíveis. E', pelo menos, certa. A outra, ou será ou não...

DOGMATISMO

Já se tem afirmado que o homem é um animal céptico. Parece-nos que se traduziria melhor a verdade, dizendo que é um animal dogmático. Não sabe viver sem doutrinas perentórias, sem afirmações intangíveis, sem dogmas. Quando, às vezes, julga libertar-se dos dogmas, transita ainda de um para outro dogma. Pois não é o materialismo o dogma daqueles que crêem ter desertado do mundo dos dogmas?

Meio-mundo julga ter feito monopólio da verdade para impô-la, à fina força, à outra metade.

PROPRIEDADE

Vende-se, a um quilómetro de Tavira, junto à Estrada Nacional, no sítio de Val-Carangejo, uma propriedade de boas terras, abundância de água e arvoredo.

Recebem-se propostas até ao dia 31 de Maio. Caso não convenham, reserva-se o direito de não entregar.

Tratar com Francisco Ferro, Rua Almirante Cândido Reis, 46 - Tavira.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

LEITURA

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA
Orientada por N. RODRIGUES PENA

CRÍTICA

"A RAIZ E O VENTO"

Romance de LEÃO PENEDO

ESTE livro do escritor Leão Penedo presta-se a algumas reflexões sobre os rumos da literatura contemporânea nacional. Os que muito extemporaneamente falam num pseudo fracasso das novas correntes literárias têm nesta obra matéria importante para não só meditar os princípios que enformam a sua concepção de literatura, como, principalmente, ocasião de reverem as suas ideias. Sejamos, no entanto, justos: o que existe de crítica responsável e esclarecida no nosso país não deixou de exaltar uma obra que, na realidade, se ergue a um nível a que não estavam muito habituados. Um crítico até fez a afirmação que «A Raiz e o Vento» veio mostrar que os nossos romancistas eram capazes de ombrear com os seus confrades estrangeiros. Afirmações dessa natureza não são completamente deslocadas. Fomos sempre modestos, duma modestia que roça pela subserviência — e por isso não nos espantamos de que em literatura como em qualquer outro campo de actividade, quando alguém supera a mediocridade, se atribua o facto a um possível milagre ou a um feliz acaso. As coisas, na verdade, não se passam assim. Para muita gente a literatura é ainda um campo vedado a determinados assuntos — e revoltam-se quando o escritor, abandonando os temas convencionais, se atreve por caminhos que ainda não beneficiaram da sanção da crítica. Muitos leitores de romances — e estamos convencidos de que a maior parte do nosso público que habitualmente lê romances — lhe desagradará completamente um livro como «A Raiz e o Vento»: E' que, na verdade, os problemas que aí se debatem não apresentam quaisquer afinidades com os gostos e vida dessa gente (gente que habitualmente compra e lê romances). «Raiz e o Vento» destina-se a outra espécie de público, um público, talvez, ainda

pouco numeroso, mas que não deixará de aumentar e se interessar por uma arte que sabe estar atenta à evolução e realidades do momento, uma arte que se identifique plenamente com a vida que se vive na nossa época.

O que se passa neste romance, quais os problemas aí debatidos, que acontecimentos, que preocupações cruciais nos narra? Todos os motivos desse romance se classificam na ordem dos problemas temporais. E' a luta travada por um indivíduo pela conquista do pão, dum abrigo para o seu corpo exausto, a luta pela satisfação das suas necessidades mais inadiáveis e imperiosas. E' a luta pela conservação da sua própria individualidade — essa batalha que se trava todos os dias nas grandes cidades modernas, construídas em sólidos materiais, repletas de fábricas, lojas e escritórios, com as suas multidões caminhando apressadas, urbes imensas, bem iluminadas e policiadas, mas apresentando sempre uma face hostil e indiferente às misérias e sofrimentos do semelhante. E nós vemos que não podemos classificar o protagonista de bom ou de mau. Esse homem que se emociona pelo choro duma mulher desconhecida, ouvido através dum tabique, que se solidariza com a dor alheia e se chega a odiar por não encontrar uma solução para os problemas de um outro, é o mesmo indivíduo que, calcando todo o orgulho e sentido da sua própria dignidade, disputa a um seu igual, servindo-se de processos mesquinhos, um reles emprego. Durante seis horrosos meses da vida de um desempregado, acompanhamos este homem nas suas agruras e esperanças, sentimos os seus sofrimentos e as suas pequeninas aspirações. Contactamos com pessoas que nada têm a ver com os seus problemas ou a sua vida, não porque deixaram de ser humanos, mas porque a situação que ocupam na sociedade os inibe de compreender e sentir as necessidades dos outros. Mas ao longo de todo esse calvário se estabelecem e desfazem laços humanos, a compreensão vinga ou fenece ao sabor das desencontradas paixões do mundo. Com notável sobriedade, num desprezo de toda a retórica, com um sentido apurado de expressão, o autor sabe definir um tipo, fixar um episódio, descrever os acontecimentos humanos. Tudo neste romance se impõe pela densidade da vida, pela riqueza dramática que Leão Penedo soube aproveitar do «quotidiano social». O autor possui um sentido altamente dramático das situações humanas. Não desperdiçando palavras nas descrições dos ambientes, nem por isso esses deixam de ganhar presença, realidade. Uma breve transcrição testemunha exemplarmente a técnica sóbria do romancista ao evocar ambientes e figuras. — «A casa sempre me parecerá estranha. Muitos quartos, muitas camas e muitas mulheres, que riam e às vezes sangavam-se e choravam. Eu andava de colo em colo, e lembro-me que cada uma delas gostava de mim como uma mãe.» E assim é escrito todo o livro, em frases simples, ricas de um conteúdo objectivo e psicológico, sugerindo um mundo que o leitor poderá ampliar ou reconstituir segundo a experiência que tiver das coisas da vida. Recordem-se Susana, Teresa, o jornalista, a rapariga do tabique, o maior, figuras que passam episódicamente no romance e que se impõem ao leitor como verdadeiros seres humanos, pessoas que o autor marca num breve apontamento — mas que ficam e permanecem na nossa memória. Uma frase, um breve pensamento, a maneira própria de reagir e encarar as coisas quotidianas, bastam para definir um tipo. Nada de figuras convencionais, estereotipadas pela tradição literária — apenas, talvez Jacinto, o das ideias um tanto vagas e libertárias, nos possa sugerir outras figuras encontradas nos romances de Zola ou Blasco Ibañez. Mas todas as

BERTOLD BRECHT

O AUTOR dos poemas, hoje incluídos em Antologia, ainda pouco conhecido em Portugal, é um dos maiores escritores europeus contemporâneos. Poeta e dramaturgo alemão, iniciou a sua carreira literária logo a seguir à primeira guerra mundial com uma peça de teatro que não foi bem acolhida. Aderiu, depois, ao expressionismo, corrente artística alemã da época, e tornou-se uma das figuras mais destacadas do teatro alemão do período que precedeu a subida de Hitler ao poder. Testemunha da miséria sofrida pelo seu povo, durante a guerra, e das atrocidades cometidas nos anos que se seguiram, compreendeu que uma nova ameaça se levantava para toda a humanidade com a evolução dos acontecimentos do seu país e abandonou as buscas estéticas gratuitas do expressionismo para fazer da sua arte um meio de esclarecimento. Daf o tom simples e directo da sua poesia, breves comentários aos pequenos acontecimentos de cada dia.

O teatro de Bertold Brecht tem as mesmas características. Os seus personagens são escolhidos entre a gente simples, mulheres do povo, mães que feridas na sua carne, pela injustiça que atingiu um dos seus filhos, superam o egoísmo do amor maternal e vêm a compreender que, em certas circunstâncias, outros laços mais fortes do que os familiares se forjam entre os homens. Este tema da mãe e ódio à guerra são dois elementos constantes na obra de Brecht. A mais célebre das suas peças é «Mãe coragem e os seus filhos», cuja acção se desenrola na guerra dos Trinta Anos. Segundo o que se noticiava na SECÇÃO DE CINEMA deste jornal, vai ser adaptada ao cinema pelo realizador brasileiro Cavalcanti.

Quase toda a obra de Bertold Brecht está traduzida em francês e italiano.

NOTICIÁRIO

ANUNCIA-SE, no Porto, a saída de livros de poemas de Papiniano Carlos, Luís Veiga Leitão, Eduardo Valente da Fonseca e Maria Almira Medina.

Depois da recente publicação, em França, da edição francesa do romance «Esteiros», de Soeiro Pereira Gomes, uma nova obra do grande escritor prematuramente falecido será, provavelmente, traduzida. Trata-se do romance póstumo «Engrenagem», uma das obras mais representativas do realismo moderno em Portugal.

José Marmelo e Silva, um dos mais vindados temperamentos de prosador das novas gerações, voltou à actividade literária colaborando com assiduidade na página da especialidade de um diário do Porto. Ainda bem, até porque a referida página vinha caindo num conformismo e numa monotonia indesculpáveis.

Manuel da Fonseca, o contista de «Aldeia Nova» e «O Fogo e as Cinzas», o romancista de «Cerro Maior», anuncia, para breve, um novo romance: «As Sementes do Ódio».

A revista francesa «Europe» acaba de publicar um número inteiramente dedicado ao seu fundador, o escritor Romain Rolland.

suas personagens se impõem pela sua verdade humana e social, pela força da vida. E o romance é apenas isto: a luta dum homem por um emprego, o doloroso e crucial combate através das ruas duma grande cidade, durante seis meses. Tudo empalidece, perde sentido e valor ante a necessidade imperiosa que domina o protagonista: a conservação da sua individualidade, a manutenção do seu corpo. A própria explicação do tempo sofre interpretação diferente. «No relógio duma sapataria vi as horas: «tão tarde». Mas tarde porque? Inquiri depois, vendo que instintivamente alargara o passo. Tarde para jantar? Para ir ao cinema? Tinha algum encontro marcado? A questão de horas já perdera para mim todo o significado.»

Esse homem cheio de complexos, inibições produzidas pela vida social — esse homem que para pedir emprestada uma nota de vinte escudos a um amigo necessitava de autêntica coragem — irá, ao preço de uma terrível experiência, abandonar todos os seus pre-

SILHUETAS DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cástica, era antes tal designativo a expressão duma carinhosa homenagem ao marinheiro infatigável e competente. E como é lógico, a sua linguagem também era toda entretecida de imagens saborosas, inspiradas na faina do mar, e o vocabulário rescendia à arte náutica, surpreendendo pelo colorido e vivacidade, mesmo quando ele já rondava a quadra das oitenta inverniais tormentosas.

Patriarca de numerosa grei (deixou dez filhos vigorosos), dirigia a família tal como governava o seu barco: mão firme no leme, olho atento à bolina pela feição do velame, e orça pronta aos temporais de Sueste. E se fosse preciso caçar escota de bujarrona à consorte ou ferrar o traquete aos rebentos, era bem lesto a fazê-lo, sem hesitações, não viesse a companhia galgar pela amura, e o veleiro doméstico, à deriva, dar à costa nos baixios.

Na fase terminal da sua longa existência, já pouco enxergava, devido a renitente oftalmia, mesmo com os óculos amarelos. Todavia, auxiliado pelo filho mais moço, também tripulante da sua lanchar a vapor afecta às sondagens no estuário, o serviço fazia-se normalmente. E era interessante vê-lo, com o desembarço da sua longa prática, a lançar e a recolher a sonda manual, cantando as marcas em cadenciosa melopeia entremeadas de apartes jocosos, enquanto eu registava os pés de profundidade no canal, e o engenheiro-chefe — um cavalheiro escocês que muito apreciava escutá-lo — ia dividindo a atenção entre os chistes do mestre Bóia e a ocular do sextante em que tomava o ponto angular da posição.

Terminada a faina matutina, o engenheiro britânico e eu recolhíamos a Draga, para almoçarmos. Havia geralmente um arroz de bacalhau com pimentão, que era parte obrigatório do perito culinário de bordo, mestre João Pedro, nestas excursões à barra de Vila Real. Entretanto, o nosso Almirante entretinha-nos des-

conceitos. Outro homem surge, o seu destino deixa de ser explicado pelo acaso ou pela sorte. Perante uma revelação colhida na vida, uma infernal revelação, concluiu: «Era pior do que isso. Era qualquer coisa que arriparia só de pensar.» Eis uma descoberta ao mesmo tempo amarga e reconfortante.

Não há dúvidas: das obras dos escritores modernos, «A raiz e o vento» é o mais emocionante e dramático relato da vida da cidade, a obra que até hoje melhor nos soube dar as incertezas e contingências a que estão condenados todos os que, como o protagonista deste livro, se vêem em idênticas e patéticas circunstâncias.

ANTOLOGIA

3 Poemas de Bertold Brecht

Não digas: É natural!

Rogo-te insistentemente que não digas: «É natural!» perante os acontecimentos de cada dia. Num tempo em que reina a confusão, em que corre sangue, em que a desordem se organiza, em que o arbitrário toma força de lei, em que a humanidade se desumaniza não digas nunca: «É natural!» a fim de que nada passe por imutável.

A máscara

Do muro pende uma escultura japonesa,
A máscara de um demónio mau, laqueada a ouro.

Contemplo, com tomiseração,
As veias dilatadas da fronte, que provam
Como é difícil ser mau.

Meu irmão era aviador

Meu irmão era aviador.
Recebeu, um belo dia, uma ordem de marcha.
Fez as malas
E a viagem conduziu-o para o Sul.
Meu irmão é um conquistador.
O nosso povo necessita de espaço vital
E conquistar terras é o nosso velho sonho.

O espaço que meu irmão conquistou
Fica em qualquer parte do massiço do Guadarrama,
Tem de comprimento um metro eoitenta,
E um metro e cinquenta de fundo.

fiando a sua meada curiosa de «passos» ocorridos no ramerrão diário, tudo contado na sua expressiva loquela feita de modismos e saborosas sínteses, cujo sentido eu tinha de explicar e traduzir ao especialista caledónio, só conhecedor do Português corrente e gramatical.

Uma das descrições por ele feitas, certa ocasião, referia-se a um acidente sofrido por um embarcaçõ inglês, no porto fluvial de Pomarão, que serve a Mina de S. Domingos, aonde o navio fora buscar minério. Assim nos contou o evento:

«Calculem que o dianho do «camõne», ao recolher ao vapor, já vinha do tascão com o paiol em preia-mar de cachaça. Aderido a bombordo, ia o estafermo do «bife» bordejando até chegar ao cais, mas ali perdeu o rumo e foi a pique pra riba dos cachopos. Lá o rebocaram pra doca seca, com três costelas partidas no cavernaite, salvo seja, mesmo aqui a meia-nau...» (E apontava para o seu próprio peito).

Podem crer que era desta guisa a linguagem idiomática em que se expressava normalmente, e que eu tinha de verter para um mais corrente e acessível vernáculo.

Não resisto a descrever, antes de finalizar a evocação, um «passo» dele próprio, cuja autenticidade não garanto, mas que se contava, ao tempo. Si non è vero... pelo menos quadra bem aos feitos e hábitos das personagens focadas, pelo que vem a matar como ilustração psicológica do seu vasto anedotário. Dizia-se que um dos filhos mais velhos, o Malito, robusto mocetão e tripulante dum rebocador, era um gastrónomo voraz e exigente, senão quanto à finura dos acespipes, ao menos na quantidade e na rapidez de absorção.

Certa madrugada, tinham partido ambos de viagem, cada um em seu barco, Guadiana acima, rota ao Pomarão. A mulher do nosso patriarca havia preparado, em casa, o «custo» para o marido e filhos, o qual constava de carapaus cozidos com batatas, temperados com azeite e vinagre. Ora, quando o esforçado Almirante, a meio do percurso, fundeou o vaporzito para satisfazer o apetite, vem-lhe da marmita do almoço um cheiro esquisito, e desolação repara que a companheira havia deitado petróleo, em vez de vinagre, certamente por ver mal e ter confundido as duas garrafas de cor idêntica.

«Logo uma destas! Raios a partam!» — desabafou o nosso herói, estomagado e já antegozando grossa bronca doméstica, ao ver que tinha de prolongar o jejum até chegar ao destino. E guardou o «corpo de delito», para ajuste de contas.

No momento em que desembarcava no porto, para ir à tenda por um naco de linguiça, como conduto a suprir o repasto gorado, e cujo preço descontaria na fêria à mulher, encontra o filho, o tal Malito de quem diziam comer pedras, se mais não houvesse. E o velhote diz-lhe, com a sua costumada ironia:

— «Então, filho, que tal achaste o almocinho que a mãe nos fez?»

— «Tava bom, pai — retorque o mancebo, satisfeito.

— «Bom?! Caramba, ou tu não regulas bem da bitácula, ou estás a mangar com a marujá! Ora, diz' lá, o que era o basitimento?»

— «Pois foi uma dúzia de «charrinhos alimados», com azeite e vinagre, e cá por mim achei-os bem bons, pai.

O velho navegante, saturado, explodiu as iras recalcadas:

— «O' guela de aço, que nem já destrinças o petróleo do vinagre! Se a tua mãe é uma azevia pitosga, tu não passas dum tubarão capaz de comeres o teu próprio pai. Toma, roaz, aí tens o meu avio, e já que não sentes «ascunho», acaba com ele!»

E diante dos olhares atónitos do pai, o bom do seu Malito, num ápice, deu sumiço no bucho ao segundo lote dos carapaus limados (e mais que fossel), sem uma careta sequer... e dizem que continuou de perfeita saúde...

Era assim o meu saudoso e querido amigo, ti' João, Almirante «honoris causa» da frota de chalões e meios-mundos do rio Guadiana, modelo de homens dignos e marítimo da melhor cepa algarvia.

Fernando Morales

Visado pela Comissão de Censura